

**ORAÇÕES DE SAPIÊNCIA**

# **OS MITOS QUE NOS VISITAM**

**LÍDIA JORGE**

**FACULDADE DE LETRAS** DA UNIVERSIDADE DO PORTO  
PORTO 2013





# OS MITOS QUE NOS VISITAM

Lídia Jorge

## **Ficha Técnica**

Título: ***Os mitos que nos visitam***

Autor: ***Lídia Jorge***

Edição: ***Faculdade de Letras da Universidade do Porto***

Ano de Edição: **2013**

Coleção: ***Orações de Sapiência***

Execução Gráfica: ***Gráfica Firmeza Lda. / Porto***

Tiragem: ***300 exemplares***

Depósito Legal: **367247 / 13**

ISBN: **978-989-8648-12-9**

ISSN: **1646-2149**

## **NOTA DE ABERTURA**

A publicação das Lições de Sapiência (e podemos, devemos, perguntar-nos se esta será a designação mais correta) tem sido uma prática desde que se fazem aberturas «solenes» do ano letivo.

Este ano, o Conselho Executivo da FLUP decidiu convidar um orador exterior à Universidade, pensando que a reflexão de alguém que não estivesse tão condicionado por problemas e situações que, inquestionavelmente, nos manipulam, infletindo a visão da missão e do papel de uma Faculdade vocacionada para as humanidades e ciências sociais, seria uma mais-valia e a compreensão de uma diferença que se quer afirmar pela positiva.

Sabemos o tácito desprestígio a que estão votadas as ciências sociais, menos aptas a angariar receitas ou a conseguir financiamentos significativos, desprestígio frequentemente dissimulado por reconhecimentos que percebemos serem apenas circunstanciais. Pressentimos a subalternização efetiva da investigação e dos saberes aqui ministrados e a impotência em ultrapassar uma situação que parece eternizar-se.

Decidimos reagir, ou antes, tentar demonstrar quão relativa e epocal é esta sensibilidade, quão importante é o conhecimento potenciado pela filosofia, a literatura, a cultura, a história, a linguística, a sociologia, a história da arte, a arqueologia, a geografia, as ciências da comunicação, a ciência da informação ou a museologia, conhecimento preocupado em preservar a memória e em criar novos modos de atuar sobre o pensamento e a vida em comunidade.

E o nome de Lídia Jorge surgiu naturalmente, pelos romances, pela reflexão, pela atuação social e cívica. Ela sabe que «Ninguém se liberta de nada se não quiser libertar-se» (*O Dia dos Prodígios*, 1980, p.171), nem dos preconceitos, nem das opiniões, nem da aceitação acrítica de valores e comportamentos.

E a aposta foi ganha, o discurso de Lídia Jorge não necessita de explicitações ou de considerações marginais. Ele aí está, luminoso, revelador do caráter incontornável das ciências sociais numa Universidade que se quer de referência, na investigação, na expansão internacional, na afirmação inequívoca da língua e da cultura portuguesas no mundo.

Porto, 21 de outubro de 2013

Maria de Fátima Marinho

Diretora da FLUP



## **OS MITOS QUE NOS VISITAM**

Lídia Jorge

7

É uma honra ter sido convidada para dizer algumas palavras na data que marca o início do Ano Académico na Universidade do Porto, mas, como alguns dos presentes sabem, o meu campo de labor são as histórias. A minha forma de pensar tem pessoas e animais no seu interior. *Era uma vez* constitui a primeira proposição do meu silogismo. A segunda premissa incluiu falas, contradições, suspeitas e desavenças. A conclusão do meu formulário dedutivo costuma dizer que *afinal, se encontraram e foram felizes, ou infelizes, para sempre*.

Sei que perante uma comunidade de personalidades que se entrega ao apuramento das ciências, este tipo de raciocínio pode até aparecer como uma ofensa. Mas ele não procura ser ofensivo, procura mostrar apenas a sua limitação. Trata-se de uma forma de confessar que o meu conhecimento se detém sobre a pele das coisas. Às vezes consolo-me pensando que esta forma de expressar o mundo através das histórias tem sua semelhança com os domínios tríades do pensamento lógico. Outras vezes penso que pode haver, no formato simplório de representar o pensamento deste maneira, alguma coisa da triangulação hegeliana, e fico mais descansada. Outras vezes imagino que é uma forma intermédia entre a elucubração mental e os movimentos cíclicos da natureza e acho que a história, a historieta, é válida, porque intermédia entre dois mundos. Seja como for, o lugar que ocupa esta forma de saber desestruturado, em confronto com os saberes estruturados pela lógica e pela experimentação, ao longo dos anos, muitas vezes me deixou inquieta.

Deixou-me inquieta, na juventude, quando o assalto do Estruturalismo e outros vários formalismos reduziam as histórias, a matéria de que eu mais gostava, a corpos inertes, que se elogiavam como seres vivos, mas se etiquetavam nas suas diferentes partes orgânicas, como se estivessem mortos. Felizmente que, depois desses tremendos exercícios, os textos sempre ressuscitavam. Seguiu-se novo confronto, mais tarde, quando as Ciências da Linguagem passaram a considerar a representação da ficção, em palavras, como o tecido infecioso das línguas, e depois, mais ainda, quando as Ciências da Comunicação passaram a instrumentalizar a ficção tomando-a como enfeite nos mecanismos da eficácia, e o estudo da Arte e da Poética começou a encolher a encolher, e no alto edifício universitário, os assuntos que lhe dizem respeito, passaram a ser tomados como matéria de inutilidade pública. Refiro-me aos finais dos anos noventa. Por alguma razão, num certo livro de ficção cuja ação decorre ao longo desses anos, o curriculum universitário de determinada personagem inclui como matérias nucleares, no campo das Letras, precisamente, as cadeiras de Inutilidades I, Inutilidades II, Inutilidades III.

Mas eu nunca gostei de sofrer de forma demasiado prolongada. De vez em quando, saio do âmbito das histórias e vou espreitar o que se diz, entre nós e longe de nós, sobre os assuntos que me inquietam. Por essa altura também fui visitar os teóricos, e dei-me conta de que, a par da fanfarras da inutilidade, havia toda uma resistência ativa, paralela, que muito me consolava. Nesse ínterim, foi-me recomendada, então, a leitura de um livro que abria grandes caminhos junto dos atormentados por estes assuntos, e que, segundo os mais entusiastas, fazia soar bem alto o seu grito de alerta contra o declínio da cultura das Humanidades. Tratava-se de um autor americano, humanista e grande observador, que era anunciado nos meios intelectuais como possuindo uma ponderação conservadora, mas muito lúcida sobre o lugar que deveriam ocupar as Humanidades na arquitetura universitária contemporânea. O livro vinha recomendado com o prefácio do escritor Saul Bellow, que lhe fazia o elogio, e o seu autor era Allan Bloom. Tinha por título *The Closing of the American Mind*. O seu título em português, *A Cultura Inculta*, o seu subtítulo, *Ensaio Sobre o Declínio da Cultura Geral*, e o seu sub sub título, *De Como a Educação Superior vem Defraudando a Democracia e Empobrecendo os Espíritos dos Estudantes de Hoje*. Na verdade, aquela realidade não era a nossa, a tradição americana não era a europeia, mas nessa altura esse livro cheio de informação e bom humor que tanta gente animava, deixou-me cheia de tristeza. Tive a ideia de que iria ouvir durante os dez anos seguintes aqueles mesmos argumentos de depreciação sobre a incapacidade de as

Humanidades se organizarem em face das Ciências da Natureza e das Ciências Humanas, designações correntes utilizadas por Allan Bloom. A argumentação era rica sob vários aspetos, sobretudo no que dizia respeito ao contacto entre as *Duas Culturas*, mas a forma como as interpretava em contencioso, anunciava o que iria acontecer. E o modo como desbaratava o saber em torno dos livros literários, culpando os professores de falta de criatividade, incapacidade de se inscreverem no círculo criador, no círculo crítico e no círculo produtivo da sociedade, não augurava nada de bom. Sob a capa da defesa da relativa utilidade das Humanidades na formação cívica dos estudantes, Bloom enterrava-as bem enterradas no fundo do inferno. Dizia-lhes - Oh! Que pena que estejam aí em baixo! Tanto que precisaríamos dos vossos recursos para sermos livres e felizes, mas então, o que havemos de fazer? Mantenham-se aí em baixo até que um dia possam voltar a ser úteis. Dizia-lhes isto ou o seu equivalente. Na altura, eu tive a percepção de que, embora pouco daquela retórica se aplicasse aos nossos estudos, aquele iria ser o tom dominante ao longo da última década do século passado. E assim foi.

Aliás, pela mesma altura, e também oriundo da mesma cultura, um filme romântico, realizado pelo Peter Weir, *O Clube dos Poetas Mortos*, que se tornou amplamente popular - se é que não o é ainda hoje - constituía *a contrario* a denúncia dessa estratégia de desvalorização do mundo das Humanidades na formação da juventude. Seguindo divisas dos ideais clássicos, os jovens do clube liam entre si os grandes portas de Língua Inglesa constituindo uma ilhota de harmonia e bom gosto entre os seus pares. Mas, quando já no final da fita, se chorava a morte do jovem Neil Perry, que cometia o erro de querer ser ator e escrever num jornal, e era impedido porque havia outras ambições bem mais altas para a sua vida futura, toda a gente, mais ou menos esclarecida, compreendia que se tratava de dar uma alfinetada, por meios mansos, na barriga da ideologia dominante, seu ideal de vidas úteis e existências produtivas. Era a visão *soft*, dramatizada, de um conflito profundo.

Mas entretanto o tempo passou, e se acaso interpreto bem o que desde esses anos para cá tem acontecido, a situação decantou-se e o paradoxo, agora, sem ter perdido a sua natureza, deslocou-se para uma outra margem, o conflito ficou a nu e esclareceu-se. Pois, ao contrário do que se poderia supor, o conflito hoje não é de ordem concetual, ou pelo menos não o é principalmente. Hoje em dia, não só ninguém clama contra o papel que desempenham as Ciências Humanas, como ninguém fala da prescindibilidade das Humanidades, nem da inutilidade do estudo das Artes, ou da Literatura, ninguém as vê como um empecilho, aquele

10

falatório inútil que entravava a ação e colocava pauzinhos na engrenagem, tudo por amor ao atraso. Não. Toda a gente entende que elas funcionam como uma espécie de bexiga natatória indispensável para manter o corpo do peixe na posição da locomoção salvadora. Hoje, que toda a gente clama pela ideia de um sentido contra o tipo de desnorte que nos calhou viver, ninguém mais se entretém a declarar que a Filosofia, a História ou os Estudos Literários são prescindíveis. Toda a pessoa culta procura epígrafes colhidas no saber inexato dos poetas para encimar os tratados do conhecimento exato. Atualmente parece existir uma espécie de paz epistemológica entre as *Duas Culturas*. Se eu entendo bem, hoje em dia não existe, propriamente, um desentendimento conceptual entre aquilo que os estudantes entre si designam por ciências duras e ciências brandas. Ou pelo menos não existe um contencioso agudo no plano dos princípios. O estado do mundo atual, mostra à evidência a imprescindibilidade de umas e de outras, de seu cruzamento e mútuo reconhecimento, mas no domínio do poder real e implantado, é cada vez mais difícil compaginar os dois campos. E este é o paradoxo. Ao contrário do que seria desejável, e pelas razões que todos conhecemos, o campo dos saberes não exatos, e não imediatamente produtivos, escorrega para os lugares esconsos, cada vez mais perto do hall e da porta de saída do edifício onde se preparam as novas gerações. E quanto ao mundo que se ocupa do corpus do *era uma vez*, esse fica praticamente sozinho, correndo à rédea solta, fora da porta.

Como disse antes, não gosto muito de sofrer. O filósofo francês Michel Serres tem uma vasta bibliografia a que não cessa de acrescentar novos títulos, mas há uma síntese sua, falada, sobre este assunto que muito me conforta. Nos últimos meses do século passado, Michel Serres dava então uma entrevista ao Programa Roda Viva da TV Cultura, em São Paulo, entrevista que julgo andar por aí, ainda hoje, e a dado momento o jornalista Daniel Piza perguntava a Michel Serres, mais ou menos isto – *Desculpe a provocação. Mas o que fez mais mal às Ciências Humanas, foi a hegemonia crescente das Ciências Exatas e Biológicas, as chamadas Ciências Duras, ou a tentativa, por parte das próprias Ciências Humanas de serem elas mesmas Ciências Duras?* A resposta de Michel Serres foi mais ou menos a seguinte - *Nem uma coisa nem outra*. E explicou - *O que mais tem prejudicado as ciências Humanas é o seguinte. Quando se fazem Ciências Duras, sabe-se que não se pode resolver todos os problemas. Por exemplo, nunca ninguém dirá o que é a matéria. Sabe-se o que é o átomo, o elétron, não se sabe o que é a matéria. Há uma quantidade de questões muito próprias para as quais não há respostas. O físico é uma pessoa a quem se coloca um certo número de questões bem definidas. Quando o físico não encontra respostas, chama-se a*

isso *Metafísica*. Esse intervalo entre o que o físico pode alcançar e sabe não poder, é a fonte da sua humildade. Mas as Ciências Humanas, pelo contrário, não têm *Metafísica*, precisamente porque elas pretendem resolver todas as questões humanas. Elas não deixam para outros o que é fundamental. Talvez a Religião seja a *Metafísica das Ciências Humanas*. E continua Michel Serres - Isto é, o problema está no interior delas mesmas. A longa história das Ciências Duras permitiu que se remetessem ao seu lugar, as Ciências Humanas, ainda não. Assim, as Ciências Humanas não estão doentes, apenas estão fatigadas.

Esta síntese é feliz porque é esclarecedora, e coloca em perspectiva temporal o confronto entre as *Duas Culturas*. Por isso mesmo ela é conciliadora e a simplificação que oferece dá conforto. Mas, naquela resposta, há uma gaveta que fica aberta. No campo das Ciências Brandas, Michel Serres faz um salto mortal entre as Ciências Humanas e a Religião, chamando-lhe a sua *Metafísica*, e assim fecha as cúpulas, mas deixa de lado a ala mais vulnerável, aquela que subsiste e patinha sobre o seu próprio material, não precisando de *Metafísica* para subir além da Física e não precisando de Religião para se ligar com a totalidade do Mundo. A gaveta que fica aberta é o lugar onde se encontra o território ampliado da Ficção.

A ficção é o lugar mais próspero do nosso espírito. Eu referi como elemento da ficção aquele formato que me é mais próximo, o da narrativa pura e simples, o mundo do *era uma vez*, feito de um nó com risco e mistério, e um desenlace, um nó górdio que está na base de todo o conto, breve ou longo, que depois se desata para uma espécie de demonstração em bruto. A representação de uma batalha de imagens suficientemente impressiva para que se depreendam, uns após outros, casos de vida alheia em abreviado que passam a fazer parte da nossa própria batalha. Referi, por prática e proximidade, esse formato que move a nossa construção mental, toda a nossa subjetividade. Pois o formato ficcional narrativo preenche a descrição, o enredo, a surpresa, o exemplo, e por isso contém no seu corpo o valor e o desvalor que, em última análise, conduz ao próprio ditame da ética. A História, a Filosofia e a Ética são filhas diretas da ficção. São as suas prefigurações maiores.

Aliás, a capacidade de ficcionar estende-se a todas as outras formas de raciocinar. Tenho para mim que o nosso espírito trabalha por sucessivas ondas de representação em forma de batalha. A batalha lógica do raciocínio dedutivo é apenas um dos seus inúmeros formatos. A batalha do confronto humano, a batalha do desejo, a batalha erótica, a batalha da caça, da recoleção, a batalha da sedução, do poder. Todos esses campos de batalha não se fecham, não se ausentam, quando um

toma a luz do primeiro plano, os outros permanecem latentes ativos. Na nossa subjetividade, existe em estado contínuo, uma simultaneidade de batalhas, mas na verdade só a Ficção não tem pudor em misturá-las num exercício de realismo a que muitos, por má interpretação, chamam sonho. O mundo das nossas batalhas interiores sustenta-nos vivos, uns os que acreditam no além da Física e os não crentes no exercício da Metafísica, junta-os na luz de um mundo pleno de imagens interiores que são a nossa própria definição. Não me aventuro dentro do campo da relação entre linguagem e Ficção, mas sempre que me ocorre considerar em abstrato este tipo de assuntos, sou levada a julgar que a Poesia é um campo da Ficção e não o seu contrário.

Seja como for, o fluxo da fantasia que se alimenta de tudo e de todas as coisas, tem graus de intensidade, e graus de qualidade, e vive da experiência selvagem, é verdade, mas também vive da experiência induzida, e por isso deveria continuar a merecer um lugar de destaque no arco-íris dos saberes formais contemporâneos. O campo que ocupa os repositórios ficcionais da Humanidade, nos quais se associam as amplas heranças dos Valores, do Regozijo e da Beleza, merece continuar a ser observado, tratado, organizado como corpo de observação, mas sobretudo promovido como lugares de experiência indispensável na construção da liberdade interior, tanto mais necessária quando se vive de forma tão abrupta uma mudança de paradigma na construção do imaginário pessoal. A capacidade de Ficção, matéria que se confunde com a própria energia do pensamento, passa hoje em dia por novos mecanismos de construção, que são comuns a toda a gente, mas de forma ainda ignorada nos seus efeitos, junto das novas gerações, os já *nativos* por direito próprio da novíssima cultura eletrônica e globalizada, aquela que coloca metade do cêrbero fora do cérebro, e que ainda ninguém, na sua magnitude e sua complexidade, consegue imaginar que efeitos terá na escultura do homem novo. Meio mundo procura antever como se processará uma mudança que muitos preveem radical, outros gradual, outros nem por isso, mas todos desejariam que, com todas as diferenças que se perfilam, servisse para criar gerações mais livres e mais felizes.

Uma das mais interessantes antevisões dos fluxos ficcionais que se cruzam e criam a nova subjetividade, e condicionam o novo imaginário humano, encontra-se plasmada na argumentação do antropólogo Arjun Appadurai, professor da Universidade de Chicago, oriundo de Bombaim. Com a agudeza própria de quem corre com facilidade entre culturas de irradiação desigual, em *Dimensões Culturais da Globalização*, esse antropólogo faz o inventário das vários mundos imaginados que

fluem à velocidade eletrônica, e se cruzam constantemente na cabeça de qualquer um de nós, criando novas paisagens ficcionais, e avalia o seu efeito sobre a *obra da imaginação*, como característica constitutiva da subjetividade moderna. O surgimento da nova realidade a que chama *etnopaisagem*, cruzada com a difusão da *tecnopaisagem*, e destas duas com a *financiopaisagem*, a *mediapaisagem* e as *ideopaisagens*, retira a terra de sob os pés, e cria na vida de cada um sucessivos bairros virtuais que ao mesmo tempo existem e não existem. Cinco módulos de sucessivas paisagens em cruzamento que dão a ideia dos gigantescos fluxos de imagens que constituem o alimento pantagruélico que nos é servido de graça, mas nem sempre para nos alimentar. Dá a impressão de que o autor quer ser neutro, no entanto, o seu diagnóstico sobre o mundo no próximo futuro até que não é risonho. Preocupado com a singularidade das comunidades e a singularidade dos homens, escreve já quase no final do livro a propósito da produção cultural “...a produção de localidade sempre, como já defendi, um resultado frágil e difícil, é mais do que nunca atravessada por contradições, desestabilizada pelo movimento humano e deslocada pela formação de novos tipos de bairro virtual.”

Também a própria ficção, agora no sentido estritamente literário do termo, não antevê o futuro dos próximos tempos com demasiado otimismo. A título de exemplo, recorro a César Aira, hoje em dia, o escritor mais reputado da Argentina. Poderoso criador de fábulas, César Aira publicou há tempos uma pequena novela cuja ação se passa precisamente num dos bairros da zona oeste de Buenos Aires, o bairro de Flores, intitulada *As Noites de Flores*, sítio ficcional tomado como uma espécie de local metafórico de um novo mundo em que metade da vida das pessoas está desligada da realidade, tudo o que a população sabe sobre o bairro é através da televisão, que por sua vez preenche a programação difundindo reportagens sobre crimes, e quando alguém sai para o mundo real, distribuindo *pizzas*, durante a noite, como é o caso, encontra o crime ao vivo, a realidade está desconjuntada, e no meio desse desconjuntado a violência grassa de forma exponencial. Lê-se em determinada passagem - “As pessoas não se surpreendiam com o fato de que acontecessem tantos crimes, mas sim, que não houvesse ainda mais.”

Não se pense, porém, que o tom é dramático, não, o tom é burlesco, próprio de quem encontrou no riso a forma de sobreviver e manter a superioridade do olhar. Aliás, a paródia do mundo virtual permite que, no final desta história, algumas situações surjam invertidas. Por exemplo, bem por cima do bairro de Flores, as estrelas reacomodaram-se no firmamento e formaram uma constelação nova. De repente, tinha havido

uma mudança especial nos arranjos do Cosmos e tal não acontecia ao acaso. A súbita arrumação das estrelas reproduzia os itinerários das rotas da entrega das pizzas e a essa constelação os habitantes do bairro de Flores chamam-lhe *Delivery*, isto é, um novo nome celeste que evocava o ato da entrega da refeição ao domicílio, a atividade humana que ocorria cá em baixo. Quer dizer, César Aira imagina uma nova mitologia, que, bem ao contrário da mitologia antiga em que os homens procuravam incorporar nas suas vidas os sinais que vinham do céu, agora funcionaria de forma oposta. O céu é que absorveria as mensagens dos homens, e os homens, perdidos no meio da nova parafernália de objetos, ficavam chafurdando ao acaso nos próprios detritos, mas tomando-se como donos e senhores do Mundo. Senhores virtuais do Espaço.

Este é apenas o exemplo de mais uma história com personagens, toda uma batalha que alegra, parodia, diverte, brinca, mas sobretudo inscreve-nos numa ordem e num tempo, e ajuda-nos a pensar sobre o significado dos nossos passos na Terra. Tudo o que eu queria era que a Universidade não abandonasse ao relento a forma mais impressionante de falar para o interior daquilo a que nós, à falta de outro nome, chamamos a nossa alma.

Porto, 3 de outubro de 2013



